

## RESENHA

LANCELLOTTI, Júlio. **Amor à Maneira de Deus. São Paulo: Planeta, 2021**

Luís Henrique Rodrigues de Lima. **Possui bacharelado em Filosofia pela UNIFAI, graduando em Teologia pela PUC-SP, seminarista do Seminário da Arquidiocese de São Paulo.\***

*Amor à maneira de Deus* é um livro singular, pois reúne relatos bíblicos com os testemunhos reais vivenciados por Júlio Lancellotti, sacerdote da Arquidiocese de São Paulo, grande defensor dos direitos humanos, pároco na paróquia São Miguel Arcanjo na Mooca, coordenador da pastoral do povo de rua da Arquidiocese de São Paulo. Padre Júlio Lancellotti é hoje uma referência nos direitos humanos, exerce uma função extremamente importante, que é o cuidado com os pobres e marginalizados, excluídos e descartados de nossa sociedade,

O livro escrito por Padre Júlio Lancellotti está organizado em cinco capítulos, sem contar uma introdução, que nos motiva a pensar a lógica do Amor de Deus e a sua predileção pelos marginalizados da sociedade. O teor bíblico e teológico, registrado nesse “tratado” de amor, é um incentivo para colocarmos em prática a gratuidade, a generosidade a benevolência e muitos outros gestos, propostos por Jesus de Nazaré, que simplificam de maneira concreta o amor para com os nossos irmãos, independente de raça, religião, cor e gênero. A misericórdia é algo que está intrinsecamente ligado a Deus, evidenciado no Evangelho de São Lucas, pois Jesus é o espelho do Pai, e o Pai é misericórdia. Deus não faz distinção de pessoas.

No primeiro capítulo, Lancellotti recorda que estava rodeado por crianças soropositivo e uma delas lhe perguntou: “Pai, de quem você gosta mais?” O padre, então, de forma espontânea pede para que as crianças mostrem os dedos das mãos, dando início a um diálogo simples mas, com extrema profundidade, questionando se os dedos são iguais aos outros. Rapidamente, as crianças respondem que não e que cada dedo é diferente. Novamente, o padre questiona: mesmo assim vocês não podem ficar sem nenhum dedo? Sem pensar, as crianças dizem que não podem ficar sem os dedos, pois todos são importantes. Portanto, podemos auferir uma meditação da qual não há limites nem escolhidos para receber o amor de Deus, porque todos para Ele são dignos de seu amor.

O segundo capítulo relata de modo especial o trecho do Evangelho de Mateus, capítulo 25,21 “estive com fome e me deste de comer, estive com sede e me deste de beber”. Aqui, Lancellotti descreve o tempo em que cursava Teologia e, ao elaborar sua Monografia de Conclusão de Curso, objetivou compreender a visão que as crianças moradoras de cortiços da cidade de São Paulo tinham de Deus. E quando Lancellotti obteve as respostas de sua

---

\* E-mail: luishenriqueiv@hotmail.com

pesquisa percebeu que as crianças tinham a ideia de um Deus que cuidava, alimentava e defendia. Entretanto, sabemos que é totalmente o contrário, porque Jesus disse que estaria nas pessoas que passam necessidades.

O mundo normalmente prega um Deus hiperpoderoso, que está sempre fazendo milagres, e que gosta de se aparecer. Deus não adere a lógica do mundo, isso foi esclarecido com a morte de Cristo na Cruz, “Humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte” (Filipenses 2,8). Estamos fadados a ouvir que só temos aquilo que merecemos; entretanto, o amor de Deus não segue essa perspectiva, Ele ama conforme a necessidade e não segundo o merecimento. Muitos se intitulam religiosos, mas se esquecem de viver sob a ótica de Jesus, que era próximo dos pecadores, das prostitutas, das viúvas, dos órfãos de todos aqueles que estavam a margem. Cabe a nós, hoje, refletir e nos perguntar, sou um religioso ou um apóstolo de Jesus? Certamente, esse livro trará a sua resposta.

Por incrível que pareça, a obra *Amor à Maneira de Deus* aborda uma questão pouco comentada, no terceiro capítulo, o “amor aos poderosos”. Nesse capítulo, Lancelotti convoca-nos a amar os tiranos e as pessoas que nos perseguem, não significando, contudo, que concordemos com o opressor mas, alertando-nos que é somente pela fraternidade que mudaremos as estruturas. A dialética de Deus não é combater o ódio com o ódio, mas com o amor.

No quarto capítulo, há uma palavra-chave que é o altruísmo, palavra oposta de egoísmo. E como viver em uma cidade supostamente cinza e sem cor que é São Paulo, onde cada um vive em seu próprio mundo sem se importar com os demais, principalmente os que estão morando nas ruas. Como sentir Jesus nessa cidade imensa? Quantas vezes passamos diante dos nossos irmãos com desdém, ou simplesmente ignoramos sua existência. Esquecemos que cada ser é único e que cada pessoa tem sonhos, expectativas, preferências, amores, família, ou seja, uma história. Seguir Jesus é saber ouvir e amar, não havendo barreiras para o desconhecido. Quem é seguidor de Jesus jamais pode ser adepto da insensibilidade. Falta-nos, hoje, uma teologia do olhar, que nos possibilite perceber e visualizar o outro e não somente a nós mesmos.

Para concluir, rememoramos uma das mais tocantes histórias do padre Júlio Lancelotti, narrada no quinto capítulo, quando é questionado por Daniel, um juvenzinho, portador do vírus HIV, que estava na Casa Vida. Narra a história que, certo dia, Daniel, pediu ao padre que o levasse a uma Igreja. Ao adentrar à Igreja, a criança observa a imagem do Sagrado Coração de Jesus, e pergunta-lhe: Padre, por que o coração Dele é para fora? O padre, então, responde: é porque ele ama muito. Quando a gente ama muito, o coração fica para fora. O menino então, indagou: e dói? E o padre lhe respondeu: Sim, Daniel. Amar dói.

E como dói amar. A maior demonstração que temos disso é a Paixão de Jesus Cristo,

morto por amar os oprimidos, os descartados da sociedade. Amar, além de incomodar os poderosos, faz-nos sofrer, pois iremos sofrer com os sofredores, carregar junto as suas dores. Por isso, aos olhos do mundo Jesus fracassou, pois amou e venceu a morte. A vida sempre será mais forte do que a morte, porque o amor sempre vence. Por isso, amemo-nos uns aos outros; a diferença está em cada um de nós.